

“O sequestro” ou o sumiço do Ministro: Folkcomunicação e Jornalismo na literatura beltraniana¹

Eliane Penha Mergulhão Dias²
Katsuji Watanabe Júnior³

Resumo

O estudo está inserido no campo da Folkcomunicação com foco em jornalismo, dando ênfase às investigações que ampliam as pesquisas desta área. Apresenta-se uma análise sobre comunicação e cultura popular a partir de um conto de Luiz Beltrão intitulado “Infância 3. O Sequestro”, do livro “Contos de Olanda” no qual o autor faz a narrativa de um mal-entendido causado pela falta de cuidado na transmissão apressada de uma notícia. Nossa análise focaliza as marcas folkcomunicacionais e também enfatiza a crítica jornalística que o autor deixa nas entrelinhas do conto. Assim, uma vez mais ressaltamos a importância da obra literária beltraniana para os estudos da Folkcomunicação, mantendo o fluxo das análises sistemáticas dos contos de Beltrão do referido livro.

Palavras-chave: Análise literária. Folkcomunicação. Jornalismo. Literatura. Luiz Beltrão.

Introdução

O Brasil da segunda metade do Séc. XX, vivenciado por Luiz Beltrão, era um país que recém iniciara sua trajetória real rumo ao âmbito da comunicação globalizada. Desde o início da década de 1950, quando viajou pelo mundo representando o Brasil nos congressos internacionais de jornalismo, LB já defendia uma visão de responsabilidade cidadã na comunicação, frente à sociedade, principalmente com relação aos assuntos da política e dos governos.

Sua obra está formada por livros teóricos, memorialistas e literários. O conto, objeto desta análise, está no livro que é, ao mesmo tempo, de natureza literária e memorialista. “Contos de Olanda”, como anuncia o título, une com o amálgama das vivências e do conhecimento histórico e factual lembranças e instantâneos de uma Olinda natal e de uma

¹ Trabalho apresentado ao GT-08 Folkcomunicação, no XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, I Colóquio Brasil Alemanha, de 04 a 07 de setembro de 2013, em Manaus (AM).

² Mestre em Língua Portuguesa (PUCSP); Doutora em Comunicação Social (UMESP); Professora FATEC-SJC, UNIP-SJC. E-mail: <elianemergulhao@terra.com.br>

³ Graduando ETEP-CSJC, orientando da Professora Eliane Mergulhão no Projeto ITA-SJC. E-mail: <katsujijr@gmail.com.br>

Recife de juventude, em que o autor coloca suas memórias e suas fantasias. Entretanto, como é do talhe de um bom narrador, em tudo o que escreve LB põe a têmpera de matiz crítica, que vem ainda colorida com nuances de humor. Num país imaginário podem-se ver traços de um perfil nacional possivelmente nosso.

Neste conto sobre o “sequestro” vamos, portanto, enfatizar sua crítica ao jornalismo feito às pressas, da notícia escrita ao calor da hora, da comunicação feita para oferecer a visada que quer dirigir a opinião pública para um determinado viés. Além disso, a crítica camuflada sob o manto do humor vai recair sobre os “modos” políticos de conduzir determinados eventos. A metodologia privilegia a análise de contexto de modo a esclarecer tempo narrado e narrador; geografia e política; história e cultura. Para orientar a leitura do texto literário no espaço do artigo, optamos por usar barras duplas “//” nas mudanças de parágrafos e chave com reticências “[...]” nas interrupções do texto original.

O sumiço do Ministro

A narrativa tem início já apresentando uma cena um tanto quanto caótica, anunciando uma verdadeira tempestade nas relações entre o poder político, o policial e o povo da cidade contra um poder oculto e mal-intencionado de um inimigo que nunca se sabe onde está escondido. Todas as saídas e entradas estão bloqueadas e vigiadas. Uma crise foi instaurada diante da notícia do sumiço do Ministro que chegara a Olinda na noite anterior para cumprir uma agenda de governo.

Toda a polícia fora mobilizada: no aeroporto, advertidos, sob a orientação de um dos mais atilados agentes da segurança do ministro e a responsabilidade do DAC, os membros da guarda aduaneira e investigadores federais passavam um pente-fino nos passageiros, nos tripulantes e até mesmo no pessoal encarregado do abastecimento das aeronaves; no porto, os barcos ancorados, os cargueiros que recebiam volumes de produtos de exportação, veículos e armazéns eram revistados, como se em cada ponto estivesse escondida uma bomba-relógio ou se sob as sacas e os caixotes se agachassem fanáticos terroristas; as estações ferroviárias e rodoviárias e todas as paradas e postos policiais que conduzem ao interior tinham tido sua vigilância redobrada com o concurso da polícia do Exercício e dos inspetores de trânsito, mesmo os que estavam de folga, convocados às pressas; viaturas policiais percorreriam ruas em marchas vagarosa, cada um dos seus ocupantes fitando com desconfiança os transeuntes.

Mas por que tanto alvoroço na cidade? O que aconteceu de tão grave? A cena lembra uma situação de terrorismo internacional, quando autoridades passam a ser ameaçadas por algum inimigo perigoso. Entretanto, a explicação para a situação calamitosa é esta:

O ministro da Justiça, homem de confiança do Presidente, profundo conhecedor da problemática nacional e doutor em leis, já que ganhara em concurso a docência de Direito Constitucional, em duas diferentes universidades do País, em visita oficial à terra natal, *desaparecera misteriosamente da suíte do hotel em que se encontrava hospedado numa praia de Olinda.*// O doutor Albuquerque Cerqueira viera ao Nordeste em missão do partido oficial, diante dos rumores de que, sob a influência de grupos políticos radicais da extrema esquerda, as principais lideranças da região revelavam tendências de apoio, no pleito presidencial indireto que se avizinhava, à candidatura oposicionista. *Mantivera entendimentos em outros Estados* e, agora, alcançando a sua terra, desejava gozar um dia de repouso recuperador na cidade em que nascera e passara sua infância e adolescência. (grifos nossos)

Como numa matéria jornalística, o autor traça o retrato de sua personagem em pinceladas simples, sem demora e com eficiência na clareza dos detalhes. Em apenas três breves parágrafos, o leitor já tem ciência de que trata a ‘notícia’ e de quem se trata quanto ao principal noticiado, onde e quando ocorreu o acontecimento. Nas entrelinhas do terceiro parágrafos, em tese, já aparece denunciada a política de compadrio feita no Nordeste brasileiro, naquele tempo, mas que até os nossos dias muito tem feito de nocivo ao povo dessa região.

Por outro lado, também, passa uma noção do *modus vivendi* do político brasileiro em viagem de trabalho: que depois de cumprida a missão ‘institucional’ tira um dia para ‘folgar’ e descansar da labuta diária, mesmo que esse repouso não tenha sido programado, como se vai perceber na medida em que o conto se desenrola. E mais: a narrativa mostra com fidelidade de que modo o poder, quando se vê ameaçado, dispõe da máquina estatal: da justiça, dos transportes, da segurança, da polícia social e, principalmente, das comunicações.

A divulgação (apressada) do sequestro

Aqui, o autor, em descrição minuciosa, mas econômica, expõe a barafunda em que se tornou a cidade depois que os meios de comunicação anunciaram que o Ministro havia desaparecido misteriosamente. Acostumados que estavam a ver em outros países que políticos eram sequestrados, por dedução própria, concluindo apressadamente, anunciaram o sequestro sem examinar as evidências. A notícia espalhou como um rastilho de pólvora em mato seco.

Ao difundirem as primeiras informações do desaparecimento, os meios de comunicação sugeriam um sequestro, aguardando-se, como era de uso em outras nações, que algum grupo político ilegal assumisse a autoria e divulgasse suas condições para a libertação do titular. O sumiço do ministro só fora descoberto pelas nove horas, quando da sua suíte ninguém respondia aos telefonemas da portaria nem às já indiscretas e nervosas batidas à porta do agente federal Feitosa, que chefiava a sua segurança.// Aberto o apartamento pela Gerência, constatou-se que, afora a ausência do seu ocupante, nada havia de anormal, isto é, nada indicava violência: em cima da cama, ao lado do pijama, a valise do ministro, aberta, demonstrava que algumas roupas tinham sido retiradas para substituir o terno, já no armário, que vestira na véspera, quando comparecera a um jantar oferecido pelo Governador em um dos clubes sociais da Capital (não foi possível precisar o traje que escolhera, pois o camareiro não fora convidado para ajudá-lo e os agentes de segurança não conheciam seu guarda-roupa íntimo). Na mesa de cabeceira, estava a chave da suíte, o relógio de pulso folheado a ouro, e a carteira com dinheiro, cartões de crédito e documentos, o que sugeria primeiro que o doutor Cerqueira não saíra espontaneamente e, segundo, que o roubo não fora o motivo da ação dos seus raptos.// O depoimento dos empregados, submetidos a minucioso interrogatório, não fora esclarecedor: o camareiro e o porteiro da noite coincidiram em que, ao retornar na véspera ao hotel, o ministro dispensara os serviços do primeiro, dizendo ao outro que queria dormir. Só o chamassem mesmo às nove horas: tinha o dia livre e deveria retornar a Brasília à noite, no jato do Presidente posto a sua disposição naquela viagem. Acrescentara que ninguém se preocupasse: afinal estava em sua própria terra, não tinha inimigos, era conhecido como homem de livre trânsito nas oposições e até mesmo capaz de dialogar com os extremistas, dentre os quais contava com amigos, antigos colegas de faculdade. Assim mesmo, o agente Feitosa deixou-se ficar na portaria, estrategicamente colocado em um ponto do qual dominava o elevador e as portas de acesso ao hotel. E ninguém mais vira o ministro ou observara qualquer presença suspeita no hotel.
(grifos nossos)

À primeira vista, de acordo com os fatos encontrados nos aposentos do Ministro, tudo levaria a crer realmente na possibilidade do sequestro. Mas até se comprovar de que isto realmente acontecera, muita coisa aconteceu para movimentar a cena da cidade.

O périplo do Ministro

Como em todo mistério, é necessário contar também o outro lado do ocorrido. Vamos acompanhar com o narrador por onde andou a personagem do conto. Por que o Ministro não fora visto pela manhã durante o desjejum? Porque não atendeu aos chamados insistentes de seu segurança pessoal nem da administração do hotel?

Cerqueira acordou pelas cinco e pouco, o dia raiando, foi ao banheiro e voltou à cama com a intenção de reencetar o sono. Mas logo ouvira a voz da mãe, tal como a ouvia em criança, no sítio da Rua da Floresta: “Levante-se, meu filho, seu avô já está pronto para levá-lo à missa das sete. E daqui para São Paulo é um estirão”. Levantou-se, obediente. [...]// Lavou o rosto, fez um gargarejo com dentifício, penteou os cabelos, olhando-se no espelho. Nada mau, pensou.// Em seguida, dirigiu-se à porta e saiu, batendo-a. *Só então se lembrou de que esquecera a chave da suíte sobre a mesa de cabeceira.* Bem, na volta pediria ao porteiro que fizesse o favor de abrir o apartamento com a chave de reserva. Naquela instante, avistou a escada e resolveu dispensar o elevador. Não cruzou com ninguém até a sobreloja: havia movimento na sala do café. Sem disposição para quebrar o jejum, foi caminhando em sentido contrário e encontrou saída de emergência, que dava para os fundos do hotel. *Sem ser visto, ganhou uma passagem lateral no térreo e, dali, à praia. Talvez pretendesse ver o nascer do sol.* Mas esquecera de que àquela hora e naquela estação do ano o sol mais do que madrugava. Começou a andar na direção da cidade, passando pelas ruas novas do bairro elegante; no tempo de sua infância somente matas de cajueiros e o imenso coqueiral, casebres de pescadores, caiçaras, jangadas sobre rolos de coqueiros, as areias endurecidas da maré vazante atapetadas de sargaços.// O ministro atingiu o Carmo onde aos domingos se conheciam e enamoravam moças e rapazes nas retretas, indo e vindo desde a esquina do Cine-Olinda, em cujo oitão se erguia como uma Eiffel tropical uma das enormes torres do telégrafo, até ao longo da amurada do cais, agora demolida pelo mar. No Bar Atlântico, os pais tomavam cerveja e as mães comiam sanduíches e bebiam a gasosa de limão ou maçã da Fratelli Vita, vigiando ao longe o volteio constante das filhas, de braços dados umas às outras, o andar e o bamboleio ao compasso das valsas sentimentais do repertório da banda do Liceu. Ali, conhecera Regina, sua primeira namorada.// Regina, dezessete anos, corpo esbelto queimado de sol, em toda sua beleza, o havia enfeitiçado. *Não encontrara apoio na família: para os Albuquerque Cerqueira tradicionalistas, Regina, nascida no Paraná, de sobrenome arrevesado de polonês, era uma “estrangeira”. Filha de um alto funcionário da Receita Federal, a transferência do pai para Belém do Pará evitara que a oposição familiar degenerasse em conflito aberto.* [...]// Parece estar ouvindo o duelo dos sineiros do Carmo e da Sé, na quinta-feira precedente à Semana Santa, anunciando a procissão do Encerro, quando, à noite, o andor coberto com uma armação de papelão violeta, a imagem era levada

dali para o centro da nave da catedral, de onde, no dia seguinte, volveria ao seu nicho permanente. E revê, enquanto voltava a caminhar, *o cortejo processional, descendo as ladeiras, o andor pesado com a imagem do Cristo carregando a cruz, os olhos abotificados saltando das órbitas, os cabelos ondulados e manchados de tinta vermelha – sangue escorrendo da coroa de espinhos –, o manto roxo resplandecente de pedrarias, a figura adornada de copos-de-leite, cravos, alecrim, girândolas de flores artisticamente arranjadas.* Na frente do préstito, o enorme estandarte roxo-avermelhado com a sigla SPQR, bordada a ouro. [...]. Na multidão que acompanhava a procissão viam-se *homens e mulheres descalços, crianças vestidas de anjos ou de santos e bons jesus, beatas desfiando rosários, em pagamento de promessas.* Havia gente que chegava ao Carmo com os pés que eram uma chaga só; ninguém reclamava, acreditando que havia pagado o débito pela graça alcançada. Em casa, mergulhariam os pés numa bacia com água e sal, repousariam as pernas numa almofada, comentariam detalhes da procissão, da ornamentação das varandas e dos balcões que davam para as ruas por onde passava o andor, cobertos com belos tapetes, a piedade das orfãzinhas da Santa Tereza, o desrespeito de alguns gaiatos que, em lugar de acompanhar o préstito, “atalhavam-no”, vendo passar aqui o andor e cortando por outras ruas para conseguir melhor colocação no próximo passo.// O ministro, seguindo pela Rua do Amparo, *reencontra os sobrados, janelas de xadrez, lampiões, balcões, azulejos, a esquina da ladeira da bica, a igreja com seu muro lodoso.* Sente-se reconduzido à infância e à adolescência, *épocas de descobertas e sonhos*, de quando se é antes-de-ser, em que as lembranças se confundem com o cotidiano e não pesam numa balança aferida pelas medidas rigorosas do tempo e das responsabilidades.// Depois de Olinda, fora a Faculdade de Direito, com suas lutas pelo saber e pelo poder. *Fora a advocacia, o contato íntimo com a fraqueza humana, com a ambição, com o ódio, com as razzias policiais, com as campanhas políticas.* Fora a Assembleia Constituinte após um período ditatorial, os primeiros cargos de relevo no executivo estadual, a formação um tanto tardia de sua vida familiar ao encontrar Mercedes num congresso de advogados no Rio. Mercedes, filha de um político carioca, obtivera do pai influente a sua nomeação para procurador do Estado. [...] A sua já longa prática forense, a divulgação dos seus pareceres como procurador estadual e, depois, da República: seu desempenho profissional havia-o tornado um dos jurisconsultos mais destacados do País. Afinal, *com a renúncia de um ministro que se desentendera com o Presidente, fora convidado e aceitara a pasta da Justiça.* (grifos nossos)

Como adverte Bosi: “A possibilidade de enraizar no passado a experiência atual [e atualizada] de um grupo humano se faz pelas mediações simbólicas” (BOSI, 1992, p.15). As lembranças narradas, portanto, são também formas simbólicas de mediação que o autor emprega como estratégia de divulgação de sua cultura, de seu mundo. Nestes poucos parágrafos apresentados (grifados para orientar a leitura de alguns pormenores), pode-se perceber a riqueza de informações de variadas fontes: hábitos familiares, normas sociais,

cultura religiosa, cultura popular – onde se inserem as marcas folkcomunicaçãois. Das memórias da personagem emergem sutilmente as memórias do autor – sua infância e a cidade dessa fase; sua mocidade e os costumes daquele tempo e lugar; seu início de vida adulta e as reflexões acerca do mundo. Tudo aqui converge para um rico painel humano, cultural e histórico que informa o leitor de modo crítico, porém generoso.

A crise de identidade

Voltemos ao passeio anônimo do Ministro. Eis que o autor o descreve ao relento, em meio ao povo, sem lenço nem documento: um verdadeiro “joão-ninguém” no meio do mundo.

E ali estava – de jeans, camisa esportiva e sapato tênis –, no alto da Misericórdia, pleno meio-dia, cercado de meninos que insistiam em contar-lhe a história da cidade em troca de uns níqueis, ignorando que ele conhecia e vivera parte daquela história, a criança que, pela mão do avô e, depois, com passos nem sempre firmes, mas decididos, percorrera aquelas ruas, becos e ladeiras carregadas de lutas e de lendas.// O ministro Albuquerque Cerqueira estava com fome e, na sua caminhada rumo à Sé, passando pelos conjuntos irmãos da Misericórdia e da Conceição, pela nova Faculdade, pelas casas e sobrados vizinhos do Palácio do Bispo, via estender-se uma turbilhonante feira, dos pés do bojudó Observatório Meteorológico até a esguia caixa d’água, cuja arquitetura avançada gritava violentamente na paisagem quase barroca dominada pela catedral restaurada em sua simplicidade antiga. Ali se misturavam artesãos e biscateiros, carrocinhas de coca-cola e barracas de refrescos de frutas da terra, cujo sumo fora recolhido em garrafas e se fizera xarope para colorir e dar gosto ao gelo ralado, com os mesmos raspa-raspa de sua meninice. Um moinho esmagava cana de açúcar: sentiu-se tentado a desafiar seu médico-assistente e tomar um copo cheio do líquido esverdeado que escorria do tosco engenho. Mas, ao lado, um homem rude, armado de uma foice, o convidava a tomar [água de] um coco verde. A mulher do vendedor fazia tapiocas num fogareiro, cobrindo com uma camada de goma o fundo de pequena frigideira, salpicando-a levemente e dispondo uma porção de coco ralado sobre a massa, depois dobrada ao meio com uma colher de pau.

E a essa hora o estômago começou a cobrar tributo por ele haver saído do hotel sem fazer o desjejum; e a visão do alimento regional espicou sua fome.

O alimento subia ao paladar do ministro como um manjar dos deuses e a água de coco como néctar, enquanto o homem falava a sua fala descansada e cantada:

– Num é pru sê minha muié, não, mas ninguém faz tapioca, beju ou cuscuz de mandioca cuma ela, dotô! Ostro dia, a cumade Idalina percisou de ajuda numa banquete – o sinhô sabe, ela veve de perparar comidas do povo pras festas de graúdos – e sabem quem chamou? Esta mesma que o sinhô vê aí. Dixe que só tinha confiança nela...

Mas algo acontece e faz com que o inesperado aconteça.

Um carro da polícia apontou no oitão da sé, fazendo ronda no alto, a sirene sobrepondo-se ao murmúrio da multidão. Vinha devagar, parou, desembarcando policiais. O ministro sentiu-se invadir por um medo estranho, *um pânico que nunca o tomara antes, nem mesmo quando, rapazola, se filiara à campanha do Petróleo é Nosso e, às vezes, as reuniões do centro de estudos que frequentava no alto Zé Pinho, no Recife, eram interrompidas pela aproximação de policiais, entregues à sua caça às bruxas.*// Procurou a carteira para pagar a despesa: esquecera-a, porém, à saída. E nela também estavam seus documentos de identificação. *Quem iria acreditar que, vestido tal como estava, ele fosse um ministro de Estado?* [...]. Os agentes se distribuíam pela multidão, como à procura de um criminoso foragido. O coração do ministro parecia ter as batidas aceleradas. Não podia permanecer ali e não havia tempo para explicar e convencer o vendedor e sua mulher. Deixou cair o coco e, de olho na patrulha, esgueirou-se, célebre, na direção do Observatório.// – Ladrão! Pega o ladrão! – gritava o vendedor, brandindo a foice e partindo em sua perseguição.// Um policial, atraído pelos gritos, aproximou-se da mulher das tapiocas.// – Que aconteceu, dona? // – Um homi bem vestido, tinha cara de sério, de doutô, falando delicado. Mas mudou de cor e de ação quando avistou vosmicês da puliça. Num pagou a nós e correu pur ali... // O policial seguiu na direção indicada, acompanhado agora de outros agentes da patrulha. O ministro corria francamente, perseguido pelo vendedor de cocos, que continuava a erguer a sua foice, a lâmina afiada reluzindo ao sol, à frente de um grupo de homens, mulheres e meninos que repetiam a mensagem de advertência – “pega o ladrão”! (grifos nossos)

Depois de uma corrida, o Ministro foi alcançado pelos policiais e ainda agradeceu não ter sido apanhado pelo homem com a foice. Tentou explicar a situação, mas sem documentos e ainda depois de um comportamento repentino e suspeito não havia como discutir. Rumaram para a delegacia.

O desfecho do “sequestro”

Fazemos questão de apresentar, quase que integralmente, a narrativa desse trecho do conto para enfatizar o clima hilário que se formou em torno do episódio. E tudo por conta de uma notícia falsa, de uma informação alarmante e sem fundamento:

O ministro foi conduzido à presença do delegado, que se distraía diante de um televisor preto-e-branco portátil. A sua entrada, a autoridade retirou os olhos da pequena tela, indagando do seu condutor: – E este aí? Maconheiro? // – Ninguém sabe, doutor! Talvez traficante... // – Não senhor, sou... – quis interromper o ministro. // – Ninguém lhe perguntou nada. Bico calado! – Recomendou-lhe o delegado. // – ... foi pego dando o golpe no alto da Sé contra um vendedor de coco verde. Fugiu quando nos avistou; uma fuga suspeita, o senhor não acha? // – Então, com toda essa estampa, com estas roupas de grã-fino, camisa cara, sapatos de duzentos mil... Será algum Raffles? Ou um mafioso? – O delegado atirava-lhe aquelas apreciações e suspeitas com uma voz cava, que contrastava com o seu físico magro, o bigodinho petulante, a fisionomia jovem. // – Ainda mais, doutor delegado! No camburão, contou uma estória pra menino dormir: que não tinha documento nem dinheiro no bolso porque estava hospedado no Hotel Beira-Mar e saía para a praia, assim de almofadinha. O senhor já viu praia no alto da Sé? E que Hotel Beira-Mar, é este? Tudo muito suspeito, doutor! E ainda teve a coragem de dizer que era ministro protestante e, depois até ministro da Justiça... // – O quê? – a voz do delegado se alteou. Voltou-se para o detido, olhando-o fixamente. V. disse ministro? // – É pro senhor ver como eles inventam coisas... // – Espera aí, homem! Me pega aquele jornal ali!// O policial foi até uma estante, apanhou o jornal, em cuja primeira página havia amplo noticiário ilustrado sobre a visita do ministro ao Estado. O delegado sabia que aquela alta autoridade estava hospedado em Olinda, sua cidade natal. E também, conforme o haviam informado, duas horas antes havia sido sequestrado do hotel à beira-mar, ao que se pensava pela madrugada. Havia pouco a televisão informara que até o momento o desaparecimento do ministro continuava envolto em mistério, nada resultando das buscas em que estavam empenhadas as polícias estadual e federal. As fotografias do jornal eram instantâneas do banquete que fora oferecido ao titular, que aparecia entre outras personalidades, dificultando-lhe a identificação. Talvez ali estivesse uma pista.// – Onde está o ministro? Para que o sequestraram? – disparou o delegado, após examinar as fotos. // – O ministro sou eu – respondeu-lhe o detido. Que... // – Estou falando sério – interrompeu o delegado. Ou me responde ou terei outros métodos para fazê-lo falar... // – *Que história é essa de sequestro?* – indagou o ministro, sem dar mostras de ter ouvido a ameaça.// – Não me faça perder a paciência! Então, não sabe que sequestraram o ministro esta madrugada? Inocentinho, heim!// Era mais do que podia suportar. Irrompeu numa risada: – Eu? Sequestrado?// O delegado levantou-se, furioso: – Está zombando da autoridade? Que está pensando? Serei algum palhaço?// O ministro ergueu a mão num gesto de paz. // – Desculpe-me senhor! *É que esta história me parece uma novela de televisão. Não houve sequestro algum. Simplesmente, saí do hotel para a praia, esqueci a carteira com dinheiro e documentos, e resolvi dar um passeio pela cidade, rever os lugares da minha infância.* Nunca me passou pela ideia...// – Isto é o senhor quem diz. Para mim, até prova em contrário, a sua história é furada.// No televisor, enquanto aparecia o logotipo da emissora, a voz do locutor anunciava: “Informa o Canal X em edição extraordinária – Em Brasília, o ministro-chefe do Serviço Nacional de Segurança declarou

que o desaparecimento do ministro Albuquerque Cerqueira, em Pernambuco, é parte de um plano de agitação, visando a desestabilizar o processo eleitoral em detrimento da candidatura oficial. (No vídeo, surgiu a figura da personalidade federal respondendo à indagação dos repórteres.) “Posso garantir que a eventualidade fora prevista e que a polícia federal está na pista dos sequestradores. Peço calma à nação!” (A câmera passou a focalizar a suíte do hotel em que se hospedara o ministro.) “Em Olinda prosseguem os trabalhos da polícia científica no apartamento no qual teria sido retirado o ministro Albuquerque Cerqueira. Os peritos da Secretaria da Segurança Pública estão recolhendo impressões digitais e outros elementos que levem à identificação dos sequestradores. A fim de que a nossa audiência possa auxiliar nas buscas, reconhecendo o titular da Justiça se, acaso, for avistado hoje, transmitimos agora fotos e flagrantes de suas atividades no dia de ontem.”// O delgado via, no televisor, o rosto do ministro, de frente, de perfil, sério, risonho, concentrado, expansivo, falando... Não tinha mais dúvida: aquele era o homem, embora já apresentasse no rosto uma sombra azulada da barba que não fora raspada e sinais de cansaço, decorrente da caminhada e das peripécias vividas naquela manhã. Deixou-se cair no assento, desalentado. // – Desculpe-me excelência! Não sei o que faça – disse, na sua mais desolada voz cava. // O policial que trouxera o ministro não disse palavra: retirava-se de marcha a ré para a porta, como um fiel na igreja, que não quer dar as costas para o altar.// – Não se preocupe, meu caro! Vamos comigo ao hotel e tudo se esclarecerá.

Conclusão

Luiz Beltrão, além de jornalista e de narrador, foi antes um mestre preocupado com que a universidade pudesse oferecer aos futuros jornalistas uma formação com lastro teórico e, sobretudo, com orientação para um olhar crítico sobre a realidade. Privilegiar a comunicação para LB não era apenas emitir notícia, muitas vezes escrita no calor da hora e sem a devida atenção que merece uma comunicação que vai chegar ao grande público. Para ele, ser jornalista era, sobretudo, pesar cada palavra com a responsabilidade de um mestre, com o cuidado de um cirurgião. Para LB, o jornalista é o cronista da atualidade que vivencia.

José Marques de Melo (1985), que foi aluno de Luiz Beltrão, e que comunga com seu mestre as mesmas preocupações, faz uma colocação crucial quando diz que a formação do jornalista deve estar embasada na “análise crítica dos padrões vigentes na sociedade”, porque a comunicação sem o aparato crítico não teria validade. Não se pode contar hoje

com esse aparato vigorando nos meios comunicacionais; no entanto, em sua crítica bem-humorada, LB não deixa de reclamá-la.

E vejam como Beltrão, ao finalizar o conto, é impiedosamente crítico com o modo de como as questões são conduzidas em política:

O reaparecimento do ministro no hotel, suas declarações de que não houvera sequestro algum e suas escusas às autoridades policiais e à população de sua terra pelos transtornos e preocupações que lhe causara provocaram emoção em todo o País. *Mas provocaram também a sua exoneração do cargo*: o ministro-chefe do Serviço Nacional de Segurança, cachimbo entre os dentes, boca torta, *não tolerava que o radicalismo de esquerda houvesse perdido, com refém tão eminente, a oportunidade única de exigir do Presidente da República a substituição do candidato oficial tão impopular por outro, de conciliação nacional, quem sabe se ele próprio...* (grifos nossos)

As lições de Luiz Beltrão devem continuar a dar frutos na medida em que sua obra possa ser lida e apreciada pelas novas gerações. Ao lermos sua produção literária, temos a certeza de que – em sua generosidade e bom humor – ele tratou de nos ensinar a compreender os caminhos da comunicação – e da Folkcomunicação – de modo lúdico, empregando a melhor porção de seu talento: com suas narrativas de peripécias e imagens de seu tempo!

REFERÊNCIAS

BELTRAO, Luiz. **Contos de Olanda**. Recife: FUNDARPE, 1989.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

MARQUES DE MELO, José. **Comunicação**: teoria e política. São Paulo: Summus, 1985.